

**MINISTÉRIO DA SAÚDE  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
GRUPO HOSPITALAR CONCEIÇÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA E PESQUISA EM SAÚDE – ESCOLA GHC  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL – IFRS  
CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM**

**A EXPERIÊNCIA DE UMA ESTUDANTE DO CURSO TÉCNICO EM  
ENFERMAGEM SOBRE AS RELAÇÕES DA EQUIPE DE ENFERMAGEM COM  
OS ACOMPANHANTES DAS CRIANÇAS HOSPITALIZADAS**

**FANI CARVALHO FAGUNDES**

**ORIENTADORA: ANDRÉA JARDIM**

**COORIENTADORA: LUCIANE BERTO BENEDETTI**

**PORTO ALEGRE  
2014**

**FANI CARVALHO FAGUNDES**

**A EXPERIÊNCIA DE UMA ESTUDANTE DO CURSO TÉCNICO EM  
ENFERMAGEM SOBRE AS RELAÇÕES DA EQUIPE DE ENFERMAGEM COM  
OS ACOMPANHANTES DAS CRIANÇAS HOSPITALIZADAS**

Relatório apresentado como pré-requisito  
de conclusão do curso Técnico em  
Enfermagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Andréa Jardim  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Luciane Berto  
Benedetti

PORTO ALEGRE  
2014

## **AGRADECIMENTOS**

Quero em primeiro lugar agradecer a Deus, pois foi a quem recorri nas horas de aflição e angústia.

Agradecer também ao meu amado esposo Eliseu (in memoriam) que acompanhou parte de minha trajetória e ao meu querido e amado filho Airton por suportarem com paciência minha ausência nos momentos em que me dedicava aos estudos.

Agradeço também ao meu irmão Renan pelo apoio e incentivo incansáveis, a coordenação e a todo o corpo docente da escola técnica do Grupo Hospitalar Conceição pela generosidade e profissionalismo em transmitir o conhecimento técnico e também humano, pois mostrou a importância das relações humanas nessa nova profissão.

Meus agradecimentos a todos os profissionais que gentilmente me acolheram nos campos de estágio e dividiram seus conhecimentos e experiências.

Às colegas de turma com quem convivi e muito aprendi e também demais funcionários da escola, sempre presentes para auxiliar quando necessário. Meus agradecimentos a todos familiares e amigos que muito me incentivaram nessa nova jornada.

Agradeço especialmente à equipe de enfermagem do Hospital da Criança Conceição do turno da manhã que muito me auxiliou e tornou possível a vivência necessária para a elaboração deste trabalho. Sem a participação especial desta equipe não seria possível este relato e nem a decisão de concluir o curso e optar por me qualificar na área pediátrica.

## RESUMO

O presente trabalho pretende relatar a, por vezes, conflituosa e delicada relação entre a equipe de enfermagem e os acompanhantes das crianças hospitalizadas. Esse relato advém do período de atuação como aluna bolsista pelo IFRS (Instituto Federal do Rio Grande do Sul) que ocorreu na Emergência do Hospital da Criança Conceição. A metodologia utilizada foi a de relato de experiência. Busco analisar a importância dessa relação no tratamento terapêutico das crianças hospitalizadas e como é importante a atuação dos acompanhantes nesse processo. Aponto a partir de meu relato que a falta de preparo da equipe de enfermagem muitas vezes dificulta a comunicação entre as partes causando transtornos para ambas. As dificuldades enfrentadas são muitas e ainda são necessários muitos investimentos tanto de ordem financeira que podem melhorar as condições físicas das instituições hospitalares como também de recursos humanos com a capacitação dos profissionais de saúde. A recuperação das crianças hospitalizadas deve ser o principal objetivo atingido. Melhorar essa relação e também as condições estruturais das unidades de saúde deve fazer parte de projetos voltados para um atendimento mais humanizado, onde a participação do acompanhante deve ser vista como fundamental no processo de tratamento de saúde das crianças hospitalizadas. Após esse estudo consegui entender melhor a importância dessa relação que servirá de base na minha formação ao exercer essa nova profissão.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVO E JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>6</b>
<b>3</b>	<b>A RELAÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM COM OS ACOMPANHANTES DAS CRIANÇAS HOSPITALIZADAS.....</b>	<b>7</b>
<b>4</b>	<b>AS EXPERIÊNCIAS DE UMA ESTUDANTE DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM.....</b>	<b>13</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>6</b>	<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>16</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir relata minha experiência vivida durante o curso Técnico em Enfermagem da Escola do Grupo Hospitalar Conceição e faz parte da formação do mesmo. Durante o curso tive a oportunidade de atuar como aluna bolsista pelo IFRS (Instituto Federal do Rio Grande do Sul), e durante alguns meses acompanhei a rotina hospitalar na Emergência do Hospital da Criança Conceição.

Apreendi muito sobre os procedimentos a serem realizados nos casos de emergências, mas o que sempre me despertou maior interesse foi à relação da equipe de enfermagem com os acompanhantes das crianças hospitalizadas. Por esse motivo, escolhi este tema para desenvolver meu trabalho de conclusão de curso.

Pretendo dissertar sobre a importância dessa relação no processo de recuperação do paciente que, de acordo com a promulgação da Lei 8.069 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, no seu artigo 12º garante à criança ou ao adolescente o direito de ter um responsável que o acompanhe durante o período de hospitalização (BRASIL, 1990). Para colocarem em prática este direito, as instituições hospitalares tiveram que se reestruturarem para atender também as necessidades não só do paciente, mas também do acompanhante, papel este na maioria das vezes desempenhado pela mãe, mas que também inclui avós, pais, familiares próximos, além de cuidadores profissionais.

Uma boa comunicação entre a equipe e o acompanhante da criança hospitalizada deve ser incentivada para que possa transmitir aos pacientes sentimentos de confiança e segurança. Também é importante que a equipe multiprofissional tenha treinamento e saiba como lidar com as diferentes situações que surgem.

O cuidado da criança deve ser a principal meta a ser atingida durante a hospitalização, portanto é imprescindível a comunicação clara e objetiva na relação entre equipe de enfermagem e acompanhante.

## 2 OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

O objetivo que me levou a dissertar sobre esse tema foi a experiência que tive durante o curso de Técnico em Enfermagem como aluna bolsista pelo IFRS (Instituto Federal do Rio Grande do Sul) atuando na emergência do Hospital da Criança Conceição. Durante este período vivenciei muitas situações onde a relação entre a equipe de enfermagem e os acompanhantes, muitas vezes, é conflituosa, mas em algumas situações pode ser amistosa e tranquila influenciando no tratamento terapêutico recebido pelo paciente.

Esse tema não foi apresentado ou discutido até o presente momento nos trabalhos de conclusão de curso dos anos anteriores e, entendo ser de fundamental importância à qualificação dos profissionais de saúde, não somente na área técnica, mas também nas relações humanas, pois este preparo contribui de forma significativa na comunicação entre as partes envolvidas.

Escolhi apresentar esta relação especificamente na área pediátrica, porque foi onde atuei por mais tempo e também por ser a área com a qual mais me identifico, tenho maior interesse acadêmico e na qual pretendo me especializar. Entendo que a criança por ser incapaz de muitas vezes manifestar seus anseios e aflições é dependente do acompanhante que se torna sua porta voz e é responsável por acompanhar seu tratamento.

Também saliento que o acompanhante deve receber atenção e ser informado de todos os procedimentos realizados pela equipe de saúde, assim como também do estado de saúde da criança pela qual é responsável e tem o direito, já garantido por lei, de ter acomodações que permitam a ele participar da recuperação de quem está acompanhando, pois só assim o atendimento acontecerá de maneira humanizada e as necessidades de ambos, acompanhante e paciente, serão mais bem assistidas pelas equipes assistenciais.

### **3 A RELAÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM COM OS ACOMPANHANTES DAS CRIANÇAS HOSPITALIZADAS**

A assistência especial para crianças começou a se desenvolver nos últimos cem anos. Antes disso, as crianças ficavam lado a lado com os adultos, eram raros os departamentos exclusivamente para elas. Somente em 1832 surgiram as primeiras escolas de medicina, sendo a especialidade em pediatria constituída formalmente em 1882 (FERREIRA; FAVERO, 2009).

A construção do primeiro hospital infantil aconteceu em 1802, em Paris e logo a seguir foi construído outro em Londres (WAECHTER; BLAKE, 1979 apud COLLET; ROCHA, 2000).

O Hospital da Criança Conceição (HCC) do Rio Grande do Sul dispõe de 217 leitos e é responsável pela maioria das internações do Estado, atendendo a faixa etária de 0 a 14 anos. Funciona em um prédio anexo ao Hospital Conceição, presta atendimento ambulatorial, de emergência e internação. Após a inauguração da nova emergência e do ambulatório são realizadas mais de 196 mil consultas anuais (BRASIL. Ministério da Saúde. GHC, 2014a).

Referência no atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS), o Grupo Hospitalar Conceição (GHC) é formado pelos hospitais Conceição, Criança Conceição, Cristo Redentor e Fêmeina, além da UPA Moacyr Scliar, de 12 postos de saúde do Serviço de Saúde Comunitária, de três Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e do Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde - Escola GHC (BRASIL. Ministério da Saúde. GHC, 2014b).

Três unidades hospitalares, a UPA, as 12 unidades básicas, os três CAPS e a Escola GHC funcionam na Zona Norte da Capital, e o Fêmeina localizado no Bairro Independência. Os serviços da instituição são sempre a garantia de acesso ao atendimento universal e gratuito e, portanto, estão de portas abertas para que a população tenha o seu direito à saúde garantida (BRASIL. Ministério da Saúde. GHC, 2014b).

Vinculada ao Ministério da Saúde, essa estrutura reconhecida nacionalmente forma a maior rede pública de hospitais do Sul do país, com atendimento 100% SUS. Com uma oferta de 1.492 leitos, é responsável pela internação de 59,8 mil gaúchos por ano.

Com uma equipe de 8.363 profissionais, o GHC é responsável por cerca de 1,9 milhão de consultas e outras 34,9 mil cirurgias anuais. Em exames, o Grupo contabiliza cerca de 3,7 milhões por ano. A instituição faz o diagnóstico de mais da metade dos casos esperados de câncer para a população de Porto Alegre.

A instituição também é considerada o berçário dos gaúchos, com cerca de 9,7 mil partos ocorridos por ano no Conceição e no Fêmeina, o que significa mais de um nascimento por hora (BRASIL. Ministério da Saúde. GHC, 2014b).

O hospital dispõe de internação comum, UTI neonatal e pediátrica que são referências estaduais, tendo como característica a possibilidade de a mãe acompanhar todo o tratamento dispensado a seu filho durante o período de internação, permitindo que o paciente receba além do tratamento, suporte emocional. Destaca-se nas cirurgias pediátricas, atendendo 24 horas.

Além do tratamento hospitalar, a partir de 2008, o HCC integrou-se ao Programa de Atenção Domiciliar Infantil (PADI), tendo duas equipes que realizam entre 25 e 30 internações domiciliares mensais. O hospital dispõe também do serviço de Onco-hematologia atendendo crianças com doenças do sangue e anemia falciforme. Conta também com espaço para recreação e aprendizado orientado por pedagogas (BRASIL. Ministério da Saúde. GHC, 2014a).

Apesar da importância, alguns anos atrás não eram autorizados à permanência dos pais ou acompanhantes junto à criança hospitalizada. Essa não autorização teve como contrariedade o artigo 12 da Lei nº 8.069, de 1990 - Lei do Estatuto da Criança e do Adolescente valoriza e reconhece a importância da presença da família e participação na recuperação da criança e adolescente e promove a necessidade das unidades de saúde se estruturarem a fim de habilitarem os profissionais de saúde a oferecerem assistência tanto à criança, como aos seus acompanhantes (BRASIL, 1990).

Garantir a presença de um dos pais ou responsável é um benefício estudado pela comunidade acadêmica, sendo o cuidado compartilhado entre a equipe de enfermagem e família, especialmente ao acompanhamento da criança hospitalizada é assunto frequente em trabalhos científicos de Enfermagem, pois são constatados benefícios para ambas às partes envolvidas (ROSSI; RODRIGUES, 2007 apud FERREIRA; FAVERO, 2009).

A participação do familiar ou acompanhante é importante, pois ajuda a criança a enfrentar uma experiência muitas vezes para ela desconhecida e

estressante e faz com que se sinta mais segura em um ambiente onde tudo é novidade. A equipe de enfermagem deve, portanto, transmitir conhecimentos e explicar da melhor maneira possível todos os procedimentos a serem realizados, a fim de ajudar o acompanhante a entender o tratamento e auxiliar na recuperação da criança hospitalizada.

A formação de um vínculo entre a equipe de enfermagem e o acompanhante da criança é importante, pois é ele o porta voz das necessidades da criança que muitas vezes não sabe manifestar o que está sentindo.

No Brasil, no período de 1953 a 1969, houve a preocupação com a humanização da assistência da criança hospitalizada e com o atendimento dos aspectos psicológicos infantis e entre muitas condutas adotadas para atender a essas necessidades, foi recomendada a avaliação da permanência da mãe a fim de ajudar no desenvolvimento infantil (OLIVEIRA, 1998, p. 34-35 apud COLLET; ROCHA, 2000).

Nas experiências que tive, pude observar que quando havia a presença da mãe, a equipe de enfermagem tinha maior facilidade para atender as necessidades da criança e também o médico responsável pelo tratamento conseguia maiores informações a respeito do estado de saúde do paciente.

Entre todos os acompanhantes, a presença da mãe é sempre mais evidente e contribui mais para a aceitação do tratamento prescrito pelo médico, pois a criança sente-se segura e o estresse causado pela rotina hospitalar é menor.

A participação da mãe ou familiar no hospital mudou o processo de trabalho da equipe de Enfermagem. A mãe ou acompanhante muitas vezes assume cuidados antes realizados pela equipe, e isso tem levado a organização tanto do cuidado como do ensino no que tange a atenção à criança (CURSINO, et al, 1992 apud SILVA; SANTOS; CINTRA, 2009).

Quando o acompanhante é a mãe da criança algumas vezes ocorrem conflitos entre a equipe e esta, por falta de preparo da equipe em acolher a cuidadora que não conhece a complexidade de alguns procedimentos a serem executados e que pode dificultar o processo terapêutico.

Considero importante essa participação dos familiares ou acompanhantes, pois muitas vezes o número de pacientes para cada profissional ultrapassa o número ideal de pacientes a serem atendidos e acarreta na sobrecarga de

trabalho da equipe. No entanto, é necessário que fique bem definido o que é de competência da equipe de enfermagem e, o que é de responsabilidade do acompanhante, para que não haja conflito nessa relação e termine prejudicando o atendimento ao paciente.

Segundo Gonzaga e Neves-Arruda (1998, p. 102 apud COLLET; ROCHA, 2000) quando há pessoas interagindo com a criança hospitalizada, a mesma controla melhor sua ansiedade, temores, medos e fantasias e consegue expor melhor seus sentimentos e emoções.

Não se sabe, porém se estes pais estão preparados para assumirem tamanha responsabilidade. Para que esta relação seja tranquila é importante delegar algumas atribuições aos acompanhantes que não sejam conflitosas com as competências da equipe de enfermagem.

No ambiente hospitalar a equipe de enfermagem tem maior poder que os pais quanto aos os procedimentos a serem realizados. No entanto, respeitando a democratização, essa prática pode ser mudada (CALLERY; SMITH, 1991 apud COLLET; ROCHA, 2000).

Em certa ocasião presenciei uma situação onde a mãe não aceitava a internação de seu filho e desejava ir embora. Após várias tentativas da equipe e do médico para convencê-la da necessidade da internação, ela recusou todas as explicações sobre a situação e estado de saúde de seu filho e, mesmo assim, quis ir para casa. Foram então adotadas as medidas necessárias para a situação, sendo que a mãe precisou assinar um documento assumindo os riscos de ir para casa e, também foi feita uma notificação comunicando sua evasão. O que leva uma mãe procurar um serviço de emergência para seu filho, esperar pelo atendimento e quando o diagnóstico é dado não aceitar a determinação médica? São situações que a equipe precisa estar preparada para lidar com o sentimento e transtorno psicológico de quem procura por atendimento em um hospital ou unidade de saúde.

Assim, o cuidado pediátrico exige aprimoramento e atualização dos profissionais, para que possam atender com qualidade as necessidades da criança hospitalizada envolvendo e permitindo a participação da família com a finalidade de alcançar a saúde e bem-estar do paciente (OLER; VIERA, 2006 apud FERREIRA; FAVERO, 2009).

Alguns profissionais da saúde não gostam de compartilhar com a família o conhecimento e habilidade de enfermagem, entendem que esta ação desvaloriza o papel da enfermagem (LOWES, 1996 apud COLLET; ROCHA, 2000).

Em algumas situações, a família ao perceber o poder e autoridade da equipe de enfermagem evita questionar as recomendações ou decisões, pois coloca em primeiro lugar o bem-estar da criança (CHAMBERS, 1992 apud COLLET; ROCHA, 2000).

É possível que haja também por parte do acompanhante ou familiar o temor de que, se discordar ou questionar muito as ações da equipe de enfermagem, seu paciente hospitalizado possa vir a ser mal atendido ou possa ter seu tratamento prejudicado.

Estudos feitos para identificarem as necessidades da família mostraram a importância desta de entender o tratamento, os riscos relacionados à doença, o tempo de internação necessário e como podem participar do cuidado de seu paciente (SNOWDON; KANE, 1995 apud COLLET; ROCHA, 2000). A participação dos pais depende das condições e necessidades de seus filhos (KNALF; DIXON, 1984; KNALF et al, 1992 apud COLLET; ROCHA, 2000).

Quando o paciente tem alguma doença crônica, o familiar se vê pressionado a participar dos cuidados, pois quando receber alta hospitalar terá de dar continuidade aos cuidados que o mesmo necessita. No entanto, alguns pais relutam para aprenderem e desenvolverem os cuidados, por entenderem que esta responsabilidade é dos profissionais de saúde (COYNE, 1995 apud COLLET; ROCHA, 2000).

Durante o período em que estive atuando na emergência do Hospital da Criança Conceição, algumas vezes pude acompanhar crianças portadoras de necessidades especiais acompanhadas por suas mães, que tinham muita habilidade no cuidado de seus filhos e também conhecimento de suas necessidades. Sabiam como lidar com sondas e fazer aspiração entre outros procedimentos que eram necessários para o conforto e cuidado de seus filhos.

Conversar com os acompanhantes é importante para esclarecer suas dúvidas e orientá-los quanto aos procedimentos a serem executados evitando o uso de termos técnicos que não são conhecidos dos familiares ou acompanhantes. A comunicação se dá entre o profissional e o acompanhante e

muitas vezes ambos deixam a criança em segundo plano, esquecendo que ela também deve ser respeitada, pois é o alvo dos cuidados.

#### **4 AS EXPERIÊNCIAS DE UMA ESTUDANTE DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM**

Durante o período de estágio na emergência do Hospital da Criança Conceição aprendi como acolher as crianças que chegam para serem atendidas. De todo o aprendizado que tive durante este período, o que mais despertou meu interesse, foi a relação da equipe de enfermagem com os acompanhantes das crianças hospitalizadas.

Tive a oportunidade de vivenciar diferentes situações onde observei como, às vezes, essa relação é complexa. A equipe com a qual fiz meu estágio era bastante preparada e sabia como agir e resolver conflitos surgidos durante o período de hospitalização das crianças.

Uma das situações que presenciei foi o de uma mãe bastante ansiosa e agressiva com a equipe. Nesse setor há algumas regras quanto à visitação dos pacientes, não sendo permitidas visitas, mas sim a troca dos acompanhantes, que é limitado a uma pessoa por criança e deve ser feita dentro dos horários estabelecidos. Essa norma existe devido ao fato de ser um setor onde as crianças ficam em observação, para logo após serem encaminhadas para outro local. Dependendo do estado de saúde da criança, ela pode ficar internada em outro setor do hospital, para melhor investigação da patologia apresentada ou para tratamento, pode ser levada para a UTI, pode ir a óbito, mas na maioria dos casos, recebe alta hospitalar. Limitar o número de acompanhantes dos pacientes também é necessário devido ao pouco espaço físico do setor. Se esta norma não for observada e for liberado o número de acompanhantes, surgirão muitos transtornos para a equipe de enfermagem que poderão prejudicar o atendimento dos pacientes.

O conflito que presenciei e que foi marcante para mim, foi o de uma mãe de uma das crianças hospitalizadas não querer obedecer a essa regra, ela exigia a presença do pai da criança, não concordava em fazer a troca nos horários estabelecidos e não permitia que seu filho fosse punccionado tanto para a coleta dos exames como para receber a medicação prescrita pelo médico. Estava emocionalmente muito abalada e falava aos gritos com todos da equipe; técnicos e enfermeiros que tentavam explicar pra ela as normas da instituição de horários e trocas. Foi necessária a intervenção da equipe de segurança, pois ao sair para

falar com o pai da criança, ao voltar foi impedida de entrar acompanhada pelo companheiro. Ela começou a chutar a porta para entrar e aos gritos dirigia xingamentos a toda equipe. Para contornar a situação o médico que estava acompanhando a criança permitiu que o pai do paciente permanecesse e recebesse todas as informações referentes ao estado de saúde da criança. Mesmo tendo sido atendida em sua solicitação, essa acompanhante permanecia o tempo todo reclamando muito do atendimento e dos profissionais. Foi muito difícil convencê-la de que era necessário que seu filho fosse punccionado para realizar exames e para receber a medicação indicada.

Pude observar a tensão que se instalou no setor, pois todas as vezes que alguém precisava chegar até a criança para realizar algum procedimento ela indagava muito sobre o que seria realizado e se era realmente necessária àquela intervenção. Além do mal-estar e tensão a que toda a equipe foi submetida, o transtorno também perturbou os outros acompanhantes, pois diante dessa situação conflituosa, muitos ficaram receosos e inseguros, pois não entendiam o que estava acontecendo e passaram a temer por seus familiares que estavam hospitalizados.

Esse fato aconteceu durante o meu horário de trabalho pela manhã. No dia seguinte quando iniciei minhas atividades não a encontrei. Perguntei o que havia acontecido e fui então informada que a criança havia recebido alta hospitalar.

Além dessa experiência, vivenciei outras situações menos conflituosas onde pude observar a atitude humana de alguns profissionais no atendimento tanto dos pacientes, bem como de seus acompanhantes. Em uma dessas situações acompanhei o caso de uma mãe que não tinha ninguém que pudesse fazer as trocas com ela e nem tinha como sair para fazer as refeições. O hospital fornece alimentação para o acompanhante somente quando é efetivado a baixa hospitalar.

Na situação que relato a seguir, a criança ainda estava em observação e, portanto, nesses casos o acompanhante não tem direito a receber alimentação. A mãe da criança ao relatar para a médica o estado de saúde de seu filho, queixou-se de muita fome, pois já estava algum tempo sem poder alimentar-se. A médica então, por iniciativa própria, serviu um copo de achocolatado e alguns biscoitos, que são oferecidos pela nutrição como uma reserva extra para o caso de alguma

internação inesperada e, para a qual não tenha sido solicitada a dieta, e ofereceu para aquela mãe.

Ao assistir a cena fiquei profundamente comovida com a sensibilidade e humanismo daquela médica que mesmo em meio a tantos atendimentos a serem realizados, compadeceu-se daquela acompanhante e amenizou um pouco a necessidade dela. Foi um gesto de solidariedade e de extrema sensibilidade, pois a médica além de atender as necessidades da criança também teve o cuidado de dar atenção à sua acompanhante. Acredito que quando o atendimento humanizado se estende até o acompanhante fica mais fácil lidar com as situações e também facilita o trabalho da equipe de enfermagem. É importante contar com a ajuda do acompanhante, pois no caso das crianças elas, na maioria das vezes, não sabem relatar para os médicos e para a equipe de enfermagem o que aconteceu e o que estão sentindo.

Como na emergência as crianças ficam por tempo determinado, ao retornar na manhã seguinte não mais encontrei aquela criança e sua mãe. Ao perguntar sobre ela, fui informada de que havia recebido alta hospitalar. Posso afirmar que a cena que assisti deveria acontecer sempre, mas muitas vezes não é isso que acontece. Alguns profissionais preocupam-se em apenas cumprir sua carga horária e não dão a devida atenção para os acompanhantes. Preocupam-se em apenas atender as necessidades das crianças hospitalizadas e se esquecem de dar um pouco de atenção ao seu acompanhante, que também fica fragilizado emocionalmente e fisicamente, devido ao estresse a que é submetido.

Algumas vezes consegui acompanhar à distância a internação de algumas crianças que eram transferidas para o andar. Encontrava algumas vezes com os familiares de algumas crianças hospitalizadas no refeitório por vários dias seguidos. Conseguia observar no semblante desses acompanhantes o cansaço físico e com certeza também o emocional, pois estar longe de casa com um ente querido enfrentando uma patologia é mesmo uma situação muito estressante e dolorosa. Faço esta afirmação, porque também já vivi esta experiência quando fiquei acompanhando meu esposo que esteve internado no Hospital Conceição. Também tive uma experiência como acompanhante profissional ao cuidar de uma senhora no Hospital Moinhos de Ventos.

Muitas vezes pude acompanhar a situação de mães que tinham de acompanhar seu filho hospitalizado, mas também se preocupavam com os menores que estavam em casa.

Havia algumas situações onde mães que tinham mais de um filho hospitalizado em setores diferentes do hospital precisavam ficar se revezando entre um e outro setor. Essa situação causa certo transtorno para a equipe, pois quando o médico precisa relatar para o acompanhante o estado de saúde da criança, nem sempre encontra seu familiar. A equipe precisa conciliar a forma de contatar e manter informado o acompanhante de mais de uma criança.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após pesquisar e vivenciar a relação entre a equipe de enfermagem e acompanhantes das crianças hospitalizadas cheguei a conclusão de que ainda se faz necessário maior qualificação das equipes e maior investimento na estrutura física das instituições hospitalares. A qualificação dos profissionais de saúde poderá trazer ao sistema de saúde melhores resultados na recuperação dos pacientes, pois ao darem a devida e necessária atenção aos acompanhantes estarão prestando a assistência na sua totalidade.

Maiores investimentos nas estruturas físicas das instituições hospitalares a fim de melhorarem as acomodações de pacientes e acompanhantes deveriam fazer parte de projetos governamentais. Ainda há muito para ser feito, mas enquanto não chegam os recursos financeiros necessários para sanarem as deficiências enfrentadas pelas instituições hospitalares, profissionais da saúde que são realmente comprometidos com sua profissão devem procurar mais qualificação e melhor conhecimento das relações humanas.

Nessa relação de equipe de enfermagem e acompanhantes há muitos conflitos, pois de um lado se encontram pacientes e acompanhantes, ambos fragilizados pela situação e do outro a equipe de enfermagem que, muitas vezes, é autoritária e impõe seu poder de decisão. Para melhorar essa relação o profissional de saúde deveria refletir mais e tentar entender a necessidade do paciente e acompanhante, pois ambos precisam de atenção.

Humanizar o atendimento para pacientes e acompanhantes deveria fazer parte da rotina dos profissionais de saúde, pois assim como estão prestando cuidados a desconhecidos poderiam também estar atendendo um ente querido ou quem sabe até mesmo ser paciente. Prestar cuidados ao próximo como gostaria de receber para si é mais do que um mandamento bíblico é uma questão de solidariedade, humanismo e principalmente de profissionalismo consciente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 20 fev. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Grupo Hospitalar Conceição. **Hospital da Criança Conceição**. 2014 a. Disponível em: <[http://www.ghc.com.br/default.asp?idmenu=unidades\\_hcc](http://www.ghc.com.br/default.asp?idmenu=unidades_hcc)>. Acesso em: 05 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. **Quem somos**. 2014b. Disponível em: <<http://www.ghc.com.br/default.asp?idMenu=institucional&idSubMenu=1>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

COLLET, Neusa; ROCHA, Semiramis Melani Melo. Relação entre pais e enfermeiros no cuidado à criança hospitalizada: um ensaio crítico Escola Anna Nery. **Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 55-65, abr. 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1277/127718313008.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014

FERREIRA, Juliana Silva; FAVERO, Luciane. Os benefícios do cuidado compartilhado entre equipe de enfermagem e familiares: cuidadores de criança hospitalizada: **Boletim de enfermagem UTP**, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 1-14, 2009. Disponível em: <[http://www.utp.br/enfermagem/boletim\\_4\\_ano3\\_vol1/pdf%27s/art1\\_osbeneficios.pdf](http://www.utp.br/enfermagem/boletim_4_ano3_vol1/pdf%27s/art1_osbeneficios.pdf)>. Acesso em: 06 mar. 2014.

SILVA, Gabriela de Almeida Pereira Lemes da; SANTOS, Juliana Maíse dos; CINTRA, Silvia Maira Pereira. A assistência prestada ao acompanhante de crianças hospitalizadas em uma unidade de internação infantil: a opinião do acompanhante, contribuindo para a assistência de enfermagem. **Revista da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras**, São Paulo, v. 9, n. 1 p. 13-18, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.sobep.org.br/revista/component/zine/article/113-a-assistencia-prestada-ao-acompanhante-de-criancas-hospitalizadas-em-uma-unidade-de-inter>>. Acesso em: 10 fev. 2014.